

**VIDA SERTANEJA:  
EDIÇÃO E ESTUDO DE VOCABULÁRIO  
DOS MALES SERTANEJOS**

Liliane Lemos Santana Barreiros (PPGEL/UNEB)  
[lilianebarreiros@hotmail.com](mailto:lilianebarreiros@hotmail.com)

**1. Considerações iniciais**

[...] o homem do sertão parece feito por um molde único, revelando quase os mesmos caracteres físicos, [...] e os mesmos caracteres morais traduzindo-se nas mesmas superstições, nos mesmos vícios, e nas mesmas virtudes. [...] O sertanejo é, antes de tudo, um forte. (CUNHA, 1985, p. 96, 99)

O causo *Vida Sertaneja*, do escritor baiano Eulálio Motta (1907-1988) é uma forma de expressão da cultura popular, que reflete situações reais do modo de vida do povo sertanejo, retratando a sua luta pela sobrevivência. Trata-se de uma pequena narrativa na qual o autor resgata traços da cultura do povo sertanejo por meio da linguagem. É um documento rico para se estudar a maneira de pensar e agir de um povo, levando-se em conta a distância temporal e cultural de nossa época em relação à época historiada no texto, visto que é “pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente” (BENVENISTE, 2005, p. 27).

Nessa perspectiva, acredita-se que o estudo do léxico possibilita conhecer e explorar a riqueza de expressões culturais e artísticas de um povo, visto que cada palavra remete a particularidades diversas relacionadas ao seu uso. Desse modo, tem-se por objetivo nesse trabalho apresentação a edição do causo *Vida Sertaneja* com o intuito de demonstrar uma possibilidade de estudo desse texto a partir de seu vocabulário rico e diversificado. Para tanto, realiza-se um levantamento dos termos e expressões peculiares do sertão presentes no texto e que são referentes aos problemas que atingem o povo desta região.

*Vida Sertaneja* integra a obra *Bahia Humorística*, que é um livro de causos engraçados referentes à vida sertaneja na Bahia. Esse projeto é inédito e revela a experiência investigativa do Eulálio Motta junto às comunidades rurais da sua terra natal, a região de Mundo Novo – BA. Para compor os seus textos, ele observava *in loco*, fazia anotações em cadernetas e depois escrevia seu registro literário, explorando a cultura local.

Nesse sentido, é possível a realização do estudo do vocabulário enquanto caracterizador de uma comunidade, no que diz respeito as suas crenças, valores e costumes, pois o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a cultura da mesma. Conforme Oliveira e Isquierdo (1998, p. 07),

[...] o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura.

Portanto, estudar o léxico de uma comunidade significa desvendar os mistérios de sua história, de sua cultura e de suas relações sociais em um determinado período do tempo. O léxico de uma língua constitui-se num inventário aberto, mutável, que representa a visão de mundo e a cultura do povo que o usa. Assim, os causos sertanejos que compõem *Bahia Humorística* tanto possibilitam uma análise da linguagem regional como também do universo sociocultural do povo sertanejo.

Esse *corpus* é um recorte do projeto intitulado *Bahia Humorística* de Eulálio de Miranda Motta: edição e estudo lexical de causos sertanejos, pesquisa que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL/UNEB, na linha de pesquisa “Linguagens, Discurso e Sociedade”, sob a perspectiva teórica dos estudos lexicais. O intuito dessa investigação é contribuir para a preservação de costumes e valores culturais do homem sertanejo, expresso no seu uso da língua, e ressaltar a importância de se preservar, através de textos literários, a cultura, a língua e a história local de um povo.

## 2. *Os percursos da escrita dos causos sertanejos em Bahia Humorística*

A palavra “causo” é definida por Houaiss (2001, p. 658) como “narração ger. falada, relativamente curta, que trata de um acontecimento real; caso, história, conto”. Nessa mesma perspectiva, Sérgio Roberto Costa (2009, p. 58), no Dicionário de gêneros textuais, traz a seguinte acepção para “causo”:

relato/conto/narrativa geralmente falado(a), relativamente curto(a), que trata de um acontecimento, fato ou conjunto de fatos, reais ou fictícios, como casos do dia a dia ocorridos com pessoas, animais, etc., ou de histórias da imaginação das pessoas, como “causos” ou “contos populares”.

Para Ricardo Câmara (2007, p. 73),

[...] não existe, até o momento, uma teoria definitiva formulada sobre o *causo*. Os estudos sobre o assunto voltam-se para os registros e análises de seus componentes, tais como: os mitos, as lendas, as histórias. Em algumas pesquisas, o *causo* está englobado entre os contos (grifo do autor).

Por sua vez, Antônio Cândido, em *Os Parceiros do Rio Bonito*, utiliza “causo” para designar algo maior que um simples “caso”, atribuindo-lhe uma característica de gênero que engloba uma série de modalidades, de temáticas, de intenções.

Sabia-se muitas coisas. Havia gente que começava a contar *causos* de manhã cedo e ainda não tinha parado à hora do almoço. Eram *casos* de santos, de bichos, de milagres, do Pedro Malasarte, e instruíam muito, porque explicavam as coisas como eram. Por isso havia respeito e temor: os filhos obedeciam aos pais, os moços aos velhos, os afilhados aos padrinhos e todos à Lei de Deus. (CÂNDIDO, 2001, p. 245).

A partir dessas definições apresentadas, pode-se inferir que o vocábulo “causo” refere-se a uma narrativa breve, que é associada a “caso” e enquanto gênero literário aproxima-se do conto. Apresenta como principais elementos a sua relação com os traços da oralidade, geralmente é associado a pessoas de origem rural e o seu conteúdo concentra-se em aspectos regionais. Além dessa motivação, a temática também está situada no bioespaço real, nas representações imaginárias e no cotidiano real do povo.

Outro aspecto relevante a ser observado é que essas narrativas, que recebem o nome de “causo” ou “caso”, são práticas recorrentes em algumas regiões brasileiras. Conforme Ricardo Câmara (2007) os *causos* podem ser divididos em três segmentos, de acordo com a sua região: *causos sertanejos*, *causos caipiras* e *causos pantaneiros*. Para o presente estudo, dar-se-á ênfase ao objeto dessa pesquisa: os *causos sertanejos*. Segundo Câmara (2007, p. 73),

[...] os *causos sertanejos*, que são os que, muitas vezes, recebem o nome de caso, e são apresentados, por exemplo, por João Guimarães Rosa. Essa narrativa estaria no interior de Minas Gerais, de Goiás e nas partes áridas do Nordeste, comumente denominadas sertão. Remontaria ao Brasil Colônia e representaria a face popular da cultura oral vinda de Portugal e da África (grifo do autor).

Nessa linha sócio-histórica sugerida por Ricardo Câmara (2007), percebe-se uma estreita relação com o contexto do poeta e escritor baiano Eulálio Motta, que, na década de 1930, deixou as rodas literárias de Salvador para morar na Fazenda Morro Alto, no município de Mundo Novo – BA. Desde então, o ambiente rural passou a exercer grande influência

na obra do poeta, que via o cotidiano da gente simples da roça como uma importante fonte de inspiração. Em meio às suas atividades de pecuarista e farmacêutico, desenvolveu uma intensa atividade literária dos versos a prosa. Em seus escritos, registrou conflitos pessoais; descreveu cenas do dia-a-dia do homem do campo; situações diversas da sociedade mundonovense; acontecimentos políticos locais, nacionais e internacionais; expôs suas ideias; criticou e mostrou-se um homem atualizado e a frente do seu tempo.

Em especial, nos causos sertanejos nota-se que ele pesquisava o comportamento dos trabalhadores rurais, desde a maneira como se comunicavam, as suas tradições e crenças. Desse modo, buscou reproduzir os falares regionais, transcrever cantigas tradicionais ligadas ao universo cultural do campo, explorar mitos e crenças populares, revelando o imaginário das comunidades rurais.

### 3. *Vida sertaneja em Bahia Humorística: procedimentos metodológicos*

O caderno *Bahia Humorística* contém 79 folhas, escritas no recto e no verso, que compreende o período de 1933 a 1947. Trata-se de um testemunho único, que se encontra em estado de degradação física, por isso, a primeira etapa desenvolvida nessa pesquisa foi a digitalização de todos os fólios para a conservação e preservação dos textos e também para torná-los acessíveis no futuro a outros interessados. Em seguida, descreveu-se e realizou-se a edição semidiplomática de todos os textos. Neste tipo de edição, realiza-se uma reprodução tipográfica rigorosa da lição de um testemunho, conservando todas as suas características (erros, lacunas, ortografia, fronteiras de palavra, abreviaturas etc.), e a interferência do editor é mínima, sendo feita apenas em casos previamente identificados como, por exemplo, conjecturas, desdobramentos das abreviaturas e elaboração de notas explicativas. Esse tipo de edição é importante porque se reproduz ao máximo as particularidades gráficas do texto, principalmente referindo-se a *Bahia Humorística*, por exemplo, que apresenta um número significativo de rasuras e emendas autorais.

No âmbito da Filologia textual, os diversos trabalhos de edição têm permitido resgatar do esquecimento manuscritos que fazem parte da história de um povo. Para a literatura, este trabalho é imprescindível, pois retiram do anonimato obras importantes, de autores quase desconhecidos, e as insere na fenomenologia literária, restituindo sua forma genuína.

Portanto, partindo desse pressuposto, apresenta-se a seguir a descrição e edição do causo *Vida Sertaneja*. Trata-se de um dos textos que compõem *Bahia Humorística* no qual Eulálio Motta retrata as dificuldades encontradas pelo sertanejo na sua luta pela sobrevivência. Está escrito no fôlio 7r, nas linhas de 1-15, com tinta preta, em folha pautada, já acidificada devido à ação do tempo. Não foi datado. Apresenta emendas e rasuras autorais.

A transcrição do causo *Vida Sertaneja* obedece aos seguintes critérios:

- a) respeita-se fielmente o texto: grafia (letras e algarismos), linha, fôlio etc.;
- b) indica-se o número do fôlio, à margem direita;
- c) mantém-se a numeração de página atribuída por Eulálio Motta, indicando-a em algarismos arábicos em itálico e vermelho, na margem superior esquerda ou direita, conforme constar no original;
- d) optou-se por numerar as linhas dos fôlios contando apenas aquelas preenchidas com escrita ou sinais particulares do autor. Desta forma, numeraram-se as linhas do texto de cinco em cinco, a partir da primeira, indicando a numeração na margem esquerda;
- e) a grafia original dos textos é conservada na íntegra, mesmo nos casos em que fica claro o equívoco ou ato falho do autor;
- f) é respeitada, dentro do possível, a disposição gráfica do texto na página;
- g) desdobram-se as abreviaturas, apresentando-as em itálico;
- h) observações adicionais do editor são expostas em notas de rodapé;
- i) notas marginais do autor são transcritas em fonte menor;
- j) manteve-se o uso de maiúsculas e a pontuação do texto, conforme o texto autoral;
- k) em alguns momentos, optou-se por registrar em notas de rodapé as alterações autorais realizadas ao longo da escrita do texto (correções, rasuras e acréscimos, por exemplo) para não comprometer o entendimento do mesmo. Para tanto, utilizou-se de símbolos e sinais, conforme as características do corpus trabalhado, a saber:

<†>            segmento autógrafo ilegível;

- < > segmento autógrafo riscado;  
< > / \ substituição por sobreposição, na relação <substituído> /substituto\;  
[↑↑] acréscimo na margem superior;

### 3.1 O texto

- [↑↑VIDA SERTANEJA]  
[↑↑O impaludismo, a verminose, a sê -]  
[↑↑ca, o governo, e outros males, não]  
5 deixam o sertanejo que trabalha to -  
mar pé na vida. Entre estes outros  
males, está o sertanejo preguiçoso e va -  
gabundo que vive de gatunagem<sup>1</sup> na  
roça dos que trabalham.  
10 É /tudo\<sup>2</sup> isto que o sertanejo traba -  
lhador exprime quando canta: <tra -  
balhando nas roças:>  
“Eu vou dá pra vádiá  
“Que os vadio tomém come.  
“Toda vida eu trabaei  
15 “E sempre morreno de fome.” (EA11.CV1.11.001, s.d., 7r, L.  
1-15)

## 4. *Estudo do vocabulário a partir da teoria de estruturação dos campos lexicais*

O estudo do vocabulário dos causos sertanejos possibilita (re)conhecer traços da memória coletiva do Sertão, pois os assuntos do cotidiano registrados nessas narrativas podem servir de instrumento de preservação da própria identidade do povo sertanejo. Ladislav Mandel (2006, p. 169) afirma que:

O vocabulário de uma língua é o repertório de todos os seres, objetos e ideias de grupo humano. [...] Uma língua e uma escrita fixam o indivíduo dentro de uma comunidade social no seio de uma cultura.

Assim, *Vida Sertaneja* destaca-se pela riqueza da linguagem utilizada e por permitir o acesso a um vocabulário específico de uma comu-

---

<sup>1</sup> Ato de gatunar; gatunice, furto, roubo; vadiagem (HOUAISS, 2001, p. 1435).

<sup>2</sup> <↑> /tudo\ - substituição por sobreposição, na relação <substituído> /substituto\.

nidade linguística, que traduz os valores de um determinado tempo e lugar, sob o olhar do seu autor. Para Stephen Ulmann (1964, 83), “o vocabulário dá assim a impressão de um vasto arquivo ordenado, no qual todos os artigos da nossa experiência estão registrados e classificados”.

Conforme Celina Abbade (2006, p. 214),

[...] o estudo lexical das línguas é deveras importante e necessário para desvendar os inúmeros segredos da nossa história social e linguística, segredos estes que podem ser desvendados pelo estudo e análise do léxico existente nessas línguas em momentos específicos da história de cada povo.

Entretanto, devido à complexidade da carga semântica que envolve o processo de inventariar o vocabulário de uma língua, alguns teóricos como Horst Geckeler, Stephen Ulmann, Mario Vilela e principalmente Eugenio Coseriu, demonstraram a possibilidade de se realizar um estudo lexical a partir da teoria de estruturação dos campos lexicais. Desse modo, a estrutura semântica de uma língua está constituída por campos lexicais, sendo que cada campo “compreende um conjunto de unidades léxicas que dividem entre si uma zona comum de significação com base em oposição” (VILELA, 1979, p. 60-61). Neste caso, os vocábulos refletem a materialização dos diversos campos léxicos de uma língua, sendo que os subconjuntos de palavras pertencem a um mesmo campo de interesse ou de conhecimento. Segundo Celina Abbade (2009, p. 38-39):

As palavras estão organizadas em um campo com mútua dependência, ou seja, elas adquirem uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. [...]. Ela não tem sentido se lhe faltam outras semelhantes ou opostas, pois necessita sempre de um campo conceitual (grifo do autor).

Por conseguinte, percebe-se que o estudo estrutural do léxico, a partir da organização de campos lexicais, apresenta uma relevância por oferecer uma visão mais ampla das significações das palavras, que antes ficava limitada a disposição alfabética dos dicionários.

#### 4.1. O campo lexical dos males sertanejos

A partir da teoria proposta por Eugenio Coseriu da estruturação dos campos lexicais, demonstra-se nesse estudo, numa perspectiva inicial, o macrocampo dos *Males sertanejos* existente no texto *Vida Sertaneja*. As lexias encontradas serão apresentadas conforme constam no *corpus*, acompanhadas da ortografia moderna entre colchetes, quando necessário, e de seu respectivo significado no texto. Os exemplos serão citados

de acordo com o texto editado, seguindo-se da indicação, entre parênteses, do código catalográfico, da data, da numeração do fólio e das linhas em que se encontram.

**Governo** – s.m. gestão; administração; complexo de órgãos responsáveis pela realização da administração pública, através do exercício dos poderes delegados pelo povo.

[↑↑O impaludismo, a verminose, a sê -]

[↑↑ca, o **governo**, e outros males, não] (EA11.CV1.11.001, s.d., 7rº, L. 01-02)

**Impaludismo** – s.m. malária.

[↑↑O **impaludismo**, a verminose, a sê -]

[↑↑ca, o **governo**, e outros males, não] (EA11.CV1.11.001, s.d., 7rº, L. 01-02)

**Males sertanejos** – Entende-se aqui como os problemas que atingem o povo do sertão baiano. A seguir, elencam-se as lexias que compõem esse campo:

**Seca** [seca] – s.f. estiagem prolongada; falta de água.

[↑↑O impaludismo, a verminose, a sê -]

[↑↑ca, o **governo**, e outros males, não] (EA11.CV1.11.001, s.d., 7rº, L. 01-02)

**Verminose** – s.f. qualquer enfermidade provocada por vermes.

[↑↑O impaludismo, a **verminose**, a sê -]

[↑↑ca, o **governo**, e outros males, não] (EA11.CV1.11.001, s.d., 7rº, L. 01-02)

Esses foram alguns exemplos encontrados no causo *Vida Sertaneja* a partir da estruturação das lexias no campo lexical “males sertanejos”. Ressalta-se que o presente estudo encontra-se em andamento, por isso esse campo sinalizado, com certeza, no futuro será ampliado.

## 5. Considerações finais

Eulálio Motta, através de seu trabalho em *Bahia Humorística*, expressa com muita riqueza literária, a realidade linguística do sertão baiano.

no. Além disso, oferece uma oportunidade de estudo da realidade local, já que “[...] o estudo da língua de um povo é, conseqüentemente, um mergulho na história e cultura deste povo” (ABBADE, 2006, p. 214).

Nota-se, na obra, que o léxico descortina não só os traços linguísticos, ou as evoluções semânticas, mas também questões culturais visto ser uma das formas de representação da língua, mais fortemente relacionada à herança cultural de uma comunidade.

Assim, *Bahia Humorística* constitui-se em um riquíssimo acervo, tanto no sentido linguístico quanto histórico. Esta obra possibilita a realização de um trabalho de investigação científica pautado em abordagens que, certamente, ampliarão o conhecimento a respeito do sertão e de sua problemática social.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de S. *Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval: o livro de cozinha da infanta D. Maria*. Salvador: Quarteto, 2009.

\_\_\_\_\_. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição R.; QUEIROZ, Rita de Cássia R. de; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 213-225.

CÂMARA, Ricardo Pieretti. *Os causos: uma poética pantaneira*. 2007. 586 f. Tese (Doutorado em Humanidades) – Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona.

CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Cultrix, 1985.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MANDEL, Ladislav. *Escritas, espelho dos homens e das sociedades*. Tradução Constância Egrejas. São Paulo: Rosari, 2006.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução J. A. Osório Mateus. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VILELA, Mário. 1994. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.